

**Memórias à margem: uma análise espacial da obra Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus****Memories on the margins: a spatial analysis of Quarto de Despejo by Carolina Maria de Jesus**Giovana Oliveira do Nascimento<sup>1</sup>Alyne Karollayne Melquiades Souza da Silva<sup>2</sup>**Resumo**

O presente artigo propõe-se a explorar a dimensão espacial na perspectiva da favela, conforme representada na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Diante disso, estabelecemos uma análise que traça um diálogo entre Geografia e Literatura, destacando como a narrativa literária pode ser uma forma potente de representação do espaço. Para isso, nos fundamentamos metodologicamente uma pesquisa de caráter indutivo e qualitativo, com enfoque no saber interdisciplinar. A partir do diário da autora, obtivemos como resultado o entendimento da constituição de um imaginário sobre a favela como um espaço de exclusão e resistência, marcado pela precariedade, pela marginalização social e pelas desigualdades estruturais. Portanto, concluímos que ao descrever a favela como o "quarto de despejo" da cidade, Carolina codifica o espaço urbano em suas dimensões simbólicas, articulando vivências individuais e coletivas para denunciar as contradições da urbanização brasileira.

**Palavras-Chave:** dimensão espacial; exclusão social; marginalidade; literatura; geografia.**Abstract**

This article aims to explore the spatial dimension from the perspective of the favela, as represented in *Quarto de Despejo* by Carolina Maria de Jesus. Accordingly, we establish an analysis that fosters a dialogue between Geography and Literature, highlighting how literary narratives can serve as a powerful means of spatial representation. To this end, we adopt an inductive and qualitative research approach, grounded in interdisciplinary knowledge. Through the author's diary, we identify the construction of an imaginary in which the favela emerges as a space of exclusion and resistance, marked by precariousness, social marginalization, and structural inequalities. Therefore, we conclude that by depicting the favela as the city's "dumping room," Carolina encodes the urban

1 Doutoranda em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestre em Geografia (GEOPROF-UFRN); [giovana.oliveira804@gmail.com](mailto:giovana.oliveira804@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8700-2276>

2 Mestre em Geografia pelo programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte; [alykarollayne@gmail.com](mailto:alykarollayne@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6507-608X>

space in its symbolic dimensions, intertwining individual and collective experiences to expose the contradictions of Brazilian urbanization.

**Keywords:** spatial dimension; social exclusion; marginality; literature; geography.

## Introdução

*Eu sou muito alegre. Todas as manhãs eu canto. Sou como as aves, que cantam apenas ao amanhecer. De manhã eu estou sempre alegre. A primeira coisa que faço é abrir a janela e contemplar o espaço.*  
Carolina Maria de Jesus, **Quarto do Despejo**

Ao dar início à nossa reflexão sobre a obra autobiográfica de Carolina Maria de Jesus, encontramos na epígrafe escolhida um vislumbre de alegria — raro em uma narrativa que expõe, com crueza e autenticidade, as feridas do corpo, o peso do sofrimento, a voracidade da fome e o silêncio imposto pelo esquecimento social. Tudo isso está envolto em uma realidade racista e misógina, que, além de maltratar as experiências negras nos espaços de vivência, também perpetua o silenciamento da mulher de cor que luta por sobreviver em um mundo competitivo e voraz. Esse contraste nos convida a olhar além do óbvio, enxergando tanto as dores quanto a resiliência da autora e de sua escrita.

Mas é com esta Carolina alegre que queremos continuar a narrativa, refletindo sobre o pensamento de uma mulher que lutou e sobrepujou as adversidades impostas pelo seu status social, tom de pele e lugar de origem. Nascida em Sacramento, pequeno município brasileiro localizado na microrregião de Araxá, em Minas Gerais, em meados de 1914, Carolina Maria de Jesus foi apresentada ao povo brasileiro por meio de sua obra autobiográfica, publicada como um manifesto — um relato das experiências cotidianas na favela do Canindé, no estado de São Paulo.

Suja, envolta em conflitos e violências, exacerbada por cenas de pornografia e marcada pela pobreza, a favela refletia a tristeza de cada morador por residir naquele lugar. Carolina narra sua trajetória, ambientada na década de 1950, como catadora de papel que precisava acordar todas as manhãs para buscar água às margens do Rio Tietê, já degradado pela poluição e pelo uso impróprio à saúde humana. Criando sozinha seus três filhos — Vera Eunice, José Carlos e João José —,

encontrava neles, muitas vezes, a única razão para manter-se viva e continuar escrevendo sua história

E assim, marcou sua entrada como autora brasileira, com uma escrita simples, repleta de erros gramaticais, que não devem ser vistos como grosserias, mas como a realidade nua e crua em que foi escrita. Esses erros, se assim podemos chamá-los, são sobrepostos pelos relatos encontrados e pelos momentos de lirismo em sua prosa, transformando situações rotineiras em poesia, descrevendo paisagens e despertando sentimentos no leitor. Posteriormente, ela publicaria diversas outras obras que refletem o grande interesse que a autora demonstrava pela literatura. A leitura serviu como um ato de resistência para a mulher negra, mãe solteira e favelada, como ela relata em seu diário: “Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem”<sup>3</sup>.

Toda a história será ambientada no grande centro urbano da cidade de São Paulo, que, na década de 1950, com a crescente industrialização, se consolidou como um grande receptor de pessoas, fluxos de capital e mercadorias. Desse modo, sob um olhar geográfico, entendemos que o espaço da cidade é concebido como uma realização humana, obra de sua completude técnica e evolução socioespacial. Para o pensador Henri Lefebvre (2006), o espaço urbano encontra-se em constante dinâmica, regido pelo capital, o que gera implicações na forma como as pessoas ocupam e transformam esse espaço. Assim, o fazer social evidencia o capitalismo como criador e reproduzidor espacial. O urbano, por sua vez, aparece como obra histórica que se produz continuamente a partir das contradições inerentes à sociedade (CARLOS, 2002, p. 71).

Aliando os estudos em Geografia e Literatura, e enxergando na literatura um campo fértil para compreender os fenômenos geográficos, sobretudo a partir da representação social, corroboramos com Silva e Araújo (2007, p. 17), que afirmam que a literatura inaugura um novo olhar sobre a cidade, pois é capaz de “interpretar e relatar os dilemas humanos, suas ações e seus sentimentos vividos no espaço”.

Diante dessa concepção, compreende-se que a relação entre o espaço percebido e vivido está intrinsecamente conectada às representações sociais, onde todos os habitantes do espaço

---

<sup>3</sup> Trecho presente na página 24.

urbano constroem um sistema de significações que se articula discursivamente, exprimindo muitas das vezes as vivências, conflitos e interpretações de diferentes grupos sociais sobre o espaço que habitam.

No entanto, essa apreensão não é estática. Ela coexiste em uma dinâmica constante de contradições e articulações, no qual múltiplas visões e lutas de poder se expressam. Nesse sentido, a produção do espaço revela-se como um processo social ativo, no qual as representações simbólicas e materiais se interligam para configurar diferentes formas de apropriação e significação (SERPA, 2005).

Diversos fatores influenciam na construção desse repertório de significações sobre o espaço urbano, incluindo o significado social atribuído a uma área, sua função, história e até mesmo o seu nome (LYNCH, 1990). Esses elementos convergem para formar um imaginário coletivo e subjetivo sobre a cidade. No caso do livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, essa construção se concentra de maneira particular na constituição de um imaginário sobre a favela, em que as condições de exclusão, precariedade e resistência são retratadas de forma contundente.

Este artigo surge da seguinte indagação: em que medida a dimensão espacial encontra-se presente na perspectiva de favela no livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus?

A princípio de conceituação, Ruben Oliven (2010, p. 44) aponta a dificuldade de conceber o termo *marginalizado*, pois qualquer grupo ou pessoa que vive em sociedade não pode, de fato, ser completamente marginal (excluído) dela. Entretanto, o autor destaca que esse termo funciona como um eufemismo para a pobreza, um rótulo que apresenta as classes subalternas como diferentes e responsáveis pela própria situação.

Portanto, este artigo tem como objetivo apresentar as "memórias à margem" sob duas óticas: a da autora, que se enxerga como uma excluída da sociedade — sendo os moradores da favela aqueles que não possuem status social algum, condenados a viver no despejo e no esquecimento; e a ótica social, que revela uma memória proveniente de um espaço marginalizado, na interseção entre espaço, sociedade e memória.

### Fundamentos teóricos-metodológicos

Nosso ponto de partida é a consideração da inseparabilidade entre obra literária e representação social, sobretudo nos escritos analisados em *Quarto de Despejo*. Corroboramos a premissa de que toda narrativa parte de um universo material e real para a construção de seu mundo, acessado através do livro.

Metodologicamente, pautamo-nos em uma pesquisa de caráter indutivo e qualitativo, com enfoque no saber interdisciplinar, relacionando análise literária, análise geográfica e análise social do conteúdo impresso no diário. Para isso, realizamos uma leitura minuciosa da obra e o levantamento de um arcabouço teórico transdisciplinar que ofereça sustentação teórica à nossa investigação.

Aqui, nos referimos a uma obra não-ficcional, mas de caráter literário, como aponta Candido et al (1970, p. 9), ao estabelecer que a literatura é tudo o que aparece fixado por meio de letras, sejam as obras científicas, reportagens, notícias ou textos diversos, mas que seu traço distintivo parece ser menos na beleza das letras do que em seu caráter imaginário. A literatura é reconhecida por sua capacidade de explorar realidades, criar mundos e, sobretudo, promover representações do real, seja de forma factual ou fictícia. Desse modo, os critérios de valorização estética ocupam ponto central na definição de uma obra literária.

Interpondo os aspectos entre a literatura e a leitura do texto literário, é de suma importância destacar como o texto literário reflete o corpo social, proporcionando uma compreensão mais primorosa do mundo vivido. A antropóloga francesa Michèle Petit aborda em suas obras a perspectiva de “ler o mundo” através da leitura, esse sentido abarca a ideia de que através da literatura é possível experienciar uma transmissão cultural, possuindo a leitura literária uma dimensão habitável, celebrativa do cotidiano, oferecendo narrativas poéticas para descrições da vida (PETIT, 2019, p. 23).

Ler serve para encontrar fora de si palavras à altura de sua experiência, figurações que permitem encenar, de maneira distanciada ou indireta, aquilo que vivemos, sobretudo os capítulos difíceis de nossa história. Para disparar tomadas de consciência súbitas de uma verdade interior, acompanhadas por uma sensação de prazer e pela liberação de uma energia entravada. Ler serve para descobrir, não por meio do raciocínio, mas de uma decifração inconsciente, que aquilo que nos assombra, nos intimida, pertence a todos (PETIT, 2019, p. 54).

Assim, a literatura nos convida a dialogar acerca das dinâmicas da sociedade, sobretudo quando partimos da concepção de ideologia. Para Terry Eagleton, em sua obra *Ideologia*, fica claro a complexidade em conceituar este termo, sabendo que ela opera e influencia diretamente a nossa percepção de realidade, interseccionada entre um sistema de crenças e poder. Dessa forma, aponta que as ideologias possuem em si uma dualidade própria: de um lado, são retóricas, impelidas por uma obscura fé pseudorreligiosa que o mundo tecnocrático do capitalismo moderno superou; por outro, são improdutivos sistemas conceituais que buscam reconstruir a sociedade, descendendo em um projeto inflexível (EAGLETON, 1997, p. 18).

Quando aplicamos esse conceito ao campo da arte literária, compreendemos a ideologia como um fenômeno relacional, que se manifesta no campo do discurso, pois o “fato” só será ideológico a depender das condições em que a mensagem é produzida, bem como da forma como o receptor irá reagir à mensagem recebida. As ideologias são os mecanismos pelos quais os discursos influenciam a vida em sociedade. Isto posto, partimos da concepção de que o discurso literário pode ser ideológico. Assim, ao referenciarmos as relações sociais no campo da literatura e de um texto literário específico, partimos do entendimento de que o escritor possui um ponto de vista, uma visão determinada da sociedade, e que sua escrita está enraizada em seu filtro ideológico.

Na obra *Quarto de Despejo*, é nítido o filtro ideológico pelo qual Carolina Maria de Jesus escreve sua narrativa. Ela interpela toda a sua escrita sob a ótica de seu mundo, suas crenças e seus valores, sejam eles concebidos por ela ou impostos pela sociedade. Sua obra se pautou a partir da perspectiva de uma mulher negra, em que todas as suas relações de vida são marcadas pela cor de sua pele como sendo a primeira manifestação de sua condição humana. Posteriormente, é relegada de direitos, sendo moradora da favela do Canindé. Suas experiências em comunidade partem de um lugar submundo, marginal, associado à pobreza e à exclusão social e cultural.

Carolina deixa fluir na sua escrita a revolta contra os políticos, seu descontentamento com os olhares que recebe enquanto realiza seu trabalho como catadora de papel. Ela expõe de modo cru, em seu discurso, a sua ideologia. Como na citação a seguir:

Não tinha gordura. Pui a carne no fogo com uns tomates que eu catei lá na Fabrica Peixe.  
Pui o cará e a batata. E água. Assim que ferveu eu pui o macarrão que os meninos cataram

no lixo. Os favelados aos poucos estão convencendo-se que para viver precisam imitar os corvos. Eu não vejo eficiência no Serviço Social em relação ao favelado. Amanhã não vou ter pão. Vou cozinhar a batata-doce (JESUS, 2014, p. 41).

Destarte, outro aspecto a se considerar é a transparência da sociedade imposta pela literatura, como explicita Antônio Candido em sua obra *Literatura e Sociedade*, ao afirmar que a sociedade está presente na obra tanto quanto norteia as escolhas textuais do autor. Assim, a descrição que um texto literário constrói de um tempo e lugar não é apenas uma construção estética, mas também um registro das marcas sociais do mundo do autor e dos espaços nos quais ele viveu.

As espacialidades vividas pelo autor estão impressas em sua obra, havendo, portanto, uma relação dialética entre obra e sociedade. Candido (2006, p. 32) considera que é necessário investigar a maneira pela qual ocorre o condicionamento social, indicando três elementos indissociáveis: autor, obra e público.

Assim, a primeira tarefa é investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio (CANDIDO, 2006, p. 30-31).

O quadro abaixo tem como objetivo apresentar uma caracterização geral dos aspectos centrais da obra analisada, incluindo uma sinopse, os personagens e apontamentos sobre as dinâmicas estabelecidas nos princípios raciais, de gênero e, sobretudo, espaciais. O principal foco desta análise está em um alinhamento entre a análise literária de conteúdo e as perspectivas geográficas presentes na narrativa, que serão detalhadas nos tópicos a posteriori.

Quadro 1 - Apresentação dos principais aspectos da obra analisada.

ASPECTOS DA OBRA - QUARTO DO DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA	
Sinopse	Escrito como diário, <i>Quarto de Despejo</i> apresenta de forma

	visceral o cotidiano da vida na favela. Relatado em primeira pessoa, narra a vida simples de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra, mãe solteira e favelada. A obra nos mostra o viver à margem da sociedade e como a favela e seus moradores enfrentam o silenciamento e os problemas sociais como um ato de resistência para continuarem a sobreviver no grande centro urbano de São Paulo.
<b>Personagens Principais</b>	<b>Carolina Maria de Jesus</b> - narradora e protagonista; <b>Filhos:</b> Vera Eunice, João José, e José Carlos.
<b>Personagens Secundários</b>	<b>Vizinhos:</b> moradores da favela que representam as dinâmicas sociais de conflito e o cotidiano da vida “marginal”; <b>Moradores da cidade:</b> apresentados de forma indireta, representam a sociedade e suas reações para com os favelados.
<b>Apontamentos sobre Raça</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O racismo estrutural como condicionante social;</li> <li>- Carolina compreende que sua condição de mulher negra lhe nega privilégios e oportunidades sociais;</li> <li>- Carolina enxerga o negro como aquele que não possui intercessores; não há para quem rogar, pois o negro é esquecido.</li> </ul>
<b>Apontamento sobre Gênero</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O enfrentamento das múltiplas jornadas pela mulher, na interseção entre o trabalho doméstico e a busca por meios de subsistência;</li> <li>- A relação entre as mulheres e a violência: diversas cenas de agressões contra a mulher são narradas;</li> <li>- Carolina afirma que não precisa de um marido para sobreviver, mas reconhece, em certo ponto da narrativa, que a vida seria mais fácil com um homem para suprir as necessidades da família.</li> </ul>
<b>Apontamentos sobre o Espaço Urbano</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A oposição entre centro e periferia;</li> <li>- A favela ocupando um lugar de exclusão e marginalidade;</li> <li>- Os diferentes usos do espaço público;</li> <li>- Carolina inicia uma reflexão sobre as marcas do capitalismo na sociedade e na cidade, evidenciando os abismos entre os cidadãos.</li> </ul>

Elaborado pelo autor.



## O diário como denuncia: o papel da autobiografia enquanto retrato das espacialidades

*Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde eu moro.*  
*Carolina Maria de Jesus, **Quarto de despejo**.*

A escrita autobiográfica de Carolina, em *Quarto do Despejo*, nos transporta para uma nova forma de enxergar as biografias, as quais, geralmente, estamos acostumados a encontrar no campo da exclusividade de pessoas nobres ou grandes intelectuais. Os escritos de Carolina, em seu diário, nos colocam diante da liberdade da autora em escrever suas confidências, narrando os acontecimentos do seu dia a dia e denunciando, em sua escrita, as fragilidades e desamparos vivenciados pelas pessoas pobres e esquecidas. Carolina dá voz àqueles que não são ouvidos pela sociedade.

Na estrutura de sua obra, a posição social que a escritora ocupa torna-se evidente no decorrer de sua narrativa, não restando dúvidas ao leitor como se configura o “sujeito real” de Carolina Maria de Jesus. Sendo assim, a representação social e espacial gestada por ela parte diretamente de sua vivência enquanto uma mulher negra, mãe solo de três filhos e moradora da favela, a qual busca de forma singela lutar contra a miséria e o preconceito racial através da escrita. Tais questões, informam com demasia sobre a relevância de explorarmos um escrito literário, em específico uma obra que possui caracteres autobiográficos.

Para Lejeune (2008, p. 14), a autobiografia pode ser definida como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”. Nessa definição, para o autor, uma série de elementos entra em jogo na constituição autobiográfica, sendo eles: a) a forma da linguagem; b) o assunto tratado, remetendo à vida individual e à história de uma personalidade; c) a situação do autor, que, nesse caso, apresenta sua identidade real de narrador; d) a posição do narrador, situação da identidade do narrador e do personagem principal.

Do ponto de vista gramatical, a forma como o autor da autobiografia se posiciona estabelece as noções de identidade expostas na trama narrada, pois elucida os fatos e deixa de fora o tom

ficcional que pode ocorrer na possibilidade de divergência entre autor, narrador e personagem principal, tendo em vista que a autobiografia tem caráter confidencial, aproximando o leitor de sua individualidade. Lejeune aponta que o uso da primeira pessoa se articula em dois níveis: primeiramente, no princípio da referência, o uso dos pronomes pessoais (eu/tu) só possui referência dentro do próprio discurso e ato de enunciação; segundo, pelo enunciado, o uso dos pronomes pessoais marca a identidade do sujeito da enunciação e do sujeito do enunciado (LEJEUNE, 2008, p. 19).

Considerando, portanto, a escrita em primeira pessoa na obra de Carolina, é notória a grande repetição do uso da primeira pessoa e pronomes pessoais, que marcam paulatinamente sua identidade e fala ativa, formando uma focalização de sua vida pessoal e manifestando a identificação da narradora e seus pensamentos mais subjetivos, germinando no leitor o conhecimento sobre quem é aquela autora e sobre a realidade a qual ela busca tanto representar.

O diário é relatado conforme o passar dos dias, apresentando variações entre o tom narrativo do cotidiano e o tom poético interrompido pelo lúdico no olhar da autora. Tudo se inicia no dia 15 de julho de 1955, data do aniversário de Vera Eunice. A narradora começa descrevendo seu sofrimento diário, especialmente em datas comemorativas, nas quais a pobreza rouba o lugar celebrativo:

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimenticios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei pra ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão (JESUS, 2014, p. 11).

A escrita realista de Carolina em seus relatos propicia uma crítica contundente a aspectos da sociedade moderna capitalista, tendo a pobreza e o racismo como marcas explícitas de toda sua denúncia e opressão. O período histórico referenciado se ambienta na década de 1950, grandemente marcado pelo governo nacional-desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek. Em seu Plano de Metas, buscava uma intensa expansão industrial, desenvolvimento urbano e crescimento econômico capitalista. No entanto, toda essa perspectiva política de modernização do Brasil não contemplava todas as camadas sociais. Como diz Gomes e Mello (2021, p. 19), o regime segregatório

no Brasil não pode ser considerado um fato pontual, individualizado de um plano governamental ou década, parte de um processo de construção nacional, uma hierarquização de raças fundamental para compreensão da população negra no país.

Seus relatos não poupam esforços ao abordar os políticos e o modo como tratam a sociedade, sobretudo os moradores pobres das favelas. Em inúmeras situações, Carolina amplia seu ponto de vista, conectando sua condição individual à análise da situação macro do país. Ela deixa claro seu descontentamento com o modo de governar e reforça que pessoas pobres também possuem conhecimento político, sendo capazes de formar opiniões públicas. Contudo, seu papel social a silencia, transformando-a em um ser invisível socialmente. Afinal, o que uma catadora de lixo poderia dizer sobre política? De que valeria sua opinião?

Fui na delegacia e falei com o tenente. Que homem amavel! Se eu soubesse que ele era tão amavel, eu teria ido na delegacia na primeira intimação. (...) o tenente interessou-se pela educação dos meus filhos. Disse-me que a favela é um ambiente propenso, que as pessoas tem mais possibilidade de delinquir do que tornar-se util a patria e ao país. Pensei: Se ele sabe disto, porque não faz um relatorio e envia para os politicos? o Senhor Janio Quadros, o Kubitschek e o Dr. Adhemar de Barros? Agora falar para mim, que sou uma pobre lixeira. Não posso resolver nem as minhas dificuldades... O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora (JESUS, 2014, p. 29).

É possível perceber, ao longo da leitura de seu diário, o modo como Carolina constrói uma noção de cidade — uma cidade que não é a mesma para todos os indivíduos. Talvez alguns leitores se identifiquem com o modo como ela relata o espaço urbano e as camadas sociais; outros, por sua vez, ficarão abismados com a hostilidade com que a cidade moderna trata seus habitantes. Esse é o papel do diário: retratar um modo de vida.

Do ponto de vista geográfico, é possível reconhecer na escrita narrativa do diário as faces do planejamento urbano brasileiro, moldado sob um princípio de classes (e poder), cujos pilares se baseavam na funcionalidade territorial e higienização. Conforme Gomes e Mello (2021, p. 47), o urbanismo brasileiro se apresenta como uma forma de enxergar as cidades, de modo que o espaço urbano é planejado conforme a análise das funções humanas, fazendo-se necessárias obras de planejamento e melhoramento do cenário urbano, contudo, causadoras de um processo de “limpeza” que afeta exatamente a população negra e mestiça no país.

Os ideias eugenistas (com o aval científico), combinado com as práticas territoriais higienistas e sanitaristas, iniciadas ainda no século XIX, legitimaram as intervenções no espaço urbano e sobretudo no espaço marginal da “desordem e indisciplina”, associados ao crime, não compatíveis com o cenário de cidade empreendido naquele momento (GOMES; MELLO, 2021, p. 48)

Qual espaço o cidadão negro e pobre ocupa dentro da cidade brasileira? Não é necessário um grande esforço para chegarmos a uma conclusão: a miséria, a pobreza e a exclusão. Tudo isso está narrado de forma autoral na obra de Carolina. Não necessariamente precisamos recorrer a referências de geógrafos, sociólogos, historiadores e urbanistas que corroborem tal premissa, pois a voz de quem vive essa situação ganha muito mais força para dar luz e relatar de modo realista as experiências vividas. Esse é o poder da escrita de *Quarto de Despejo*.

### **“A favela é o Quarto do Despejo”: A representação social e geográfica em Carolina Maria de Jesus**

*Eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.*

*Carolina Maria de Jesus, Quarto de despejo.*

Quando questionada sobre o título de sua obra, Carolina apresenta para nós uma perspectiva que esboça a favela como lugar das pessoas que vivem à margem da sociedade e que por ela são esquecidas. É para esse ambiente, imerso em desigualdades, sofrimento e enfermidades, que são enviados todos aqueles que foram expulsos do centro da cidade para que ela se tornasse mais aprazível. Portanto, na perspectiva da autora, cabe à população pobre a figura do que é descartável e que necessita ser “escondido”.

A protagonista, figurada pela própria Carolina, constrói em sua narrativa um embate entre a resignação diante da dura realidade que vivencia e um sentimento de resistência que emerge em diversos momentos de sua narrativa. Seria esse o caso de dizer que, embora inconformada, a escritora expõe as dificuldades concretas de romper com o ciclo de pobreza e exclusão social que a atravessa desde a infância. Essa situação, a qual é condicionada devido ao descaso político, é apresentada como uma das chagas estruturais que atingem as camadas mais vulneráveis da população e as submetem a uma existência marcada pela marginalização.

Por intermédio de sua escrita, ela denuncia as carências materiais, bem como a indiferença institucional que o indivíduo “favelizado” sofre em seu percurso. Desse modo, tal ambiente é compreendido enquanto um espaço de exclusão e invisibilidade social, no qual a pobreza é naturalizada. Sendo assim, as suas palavras vão tecendo um conjunto de representações de cunho social e geográfico mediante o entendimento do que é o Brasil e o que é morar na São Paulo de 1950 sob suas condições. Em sua obra, a Favela é, para além de um espaço físico, uma estrutura simbólica que representa as contradições de uma sociedade.

A recorrência desse entendimento sobre a segregação social e territorial é construída através de recursos metafóricos presentes na sua linguagem. De modo reincidente a autora se utiliza de imagens simbólicas para representar as dinâmicas presentes no espaço urbano capitalista, um exemplo marcante é o seguinte fragmento: “Eu classifico São Paulo assim: O Palácio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos.” (JESUS, 2014, p. 32).

O seguinte trecho apresentado carrega consigo uma metáfora que evidencia a hierarquia espacial presente na cidade, no qual os espaços de poder são preservados e valorizados, enquanto as áreas mais pobres e periféricas são relegadas à condição de “depósito de pessoas”. Diante disso, o sujeito favelado é indubitavelmente tratado como algo descartável, insignificante, sem importância, cabendo a ele uma objetificação e um papel desumanizado na sociedade. Afinal, quem se importa com a escada quebrada que colocamos em nosso lixo? ou até mesmo, qual a utilidade que podemos ter em um tênis furado? Essa violência velada assola esses sujeitos, apoderando-se de forma complexa da estrutura do seu ser social.

Na ótica de Lefebvre (1991), houve durante o processo de expansão do sistema capitalista e do avanço da urbanização, um desmonte da *democracia urbana* e da criação da cidade enquanto um ambiente de “encontro, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos dos modos de viver (inclusive no confronto ideológico e político), dos “padrões” que coexistem na Cidade” (LEFEBVRE, 1991, p.22).

Os burgueses ao se verem ameaçados por essas transformações e pelos usos democráticos dos espaços, buscaram eliminar essa possibilidade, expulsando do centro urbano e da própria cidade o proletariado, destruindo a “urbanidade” (LEFEBVRE, 1991, p.23). Semelhante a lógica traçada por Carolina em sua leitura da realidade, a estratégia da classe burguesa foi afastar essa parcela da população do centro, onde vivia a cidade e coexistiam as diferenças.

Emergem assim os novos conjuntos, as “novas cidades”, e, dentro da realidade brasileira, as favelas. Esses ambientes, constituídos com base em um conjunto de ações coercitivas, eram fomentados a partir de elementos como o descaso estatal e a especulação imobiliária. Lentamente, a Cidade era redesenhada e expunha em seu traçado uma ideologia marcada por uma repressão e persuasões.

Desse modo, o relato da autora expõe com intensidade um contraste marcante entre a opulência da cidade em seu auge arquitetônico e desenvolvimentista e a precariedade das condições de vida dos favelados, observe o fragmento abaixo:

Os meninos come muito pão. Eles gostam de pão mole. Mas quando não tem eles comem pão duro. Duro é o pão que nós comemos. Dura é a cama que dormimos. Dura é a vida do favelado. Oh! São Paulo rainha que ostenta vaidosa a tua coroa de ouro que são os arranha-céus. Que veste viludo e seda e calça meias de algodão que é a favela. (JESUS, 2014, p. 41)

Diante da análise do trecho, faz-se perceptível a construção desse entendimento dicotômico entre a riqueza, representada pelos arranha-céus, e a pobreza, escondida por eles. A crítica social exposta por Carolina Maria de Jesus, demonstra que essa imagem de progresso e urbanização, a qual é amplamente divulgada, é sustentada pela exploração da população mais vulnerável. Portanto, em seu entendimento, a beleza exposta através de processo não engloba toda a parcela dos cidadãos.

Buscando esboçar tal ideia recorreremos a utilização de imagens que apresentassem o ambiente sobre o qual Carolina discutia. Desse modo, a figura 01 traz a Favela do Canindé, o local que é representado como espaço de abandono e precariedade, marcado pela lama, pela ausência de infraestrutura básica e pelas condições insalubres que materializam a questão da exclusão social.

Figura 1- Canindé — o seu mundo cheio de misérias e desencantos. Em seu barraco há cadernos que esperam o registro do que viu e sentiu.



Fonte: Editoria Figas (2024).

Nessa primeira imagem, podemos observar o porquê Carolina expressa em um de seus relatos o sonho de ter uma casa “residível”. Chamamos atenção para o trecho escrito no dia 21 de maio, no qual ela aponta que o seu desejo de viver uma vida comum: comer carne, ter uma moradia digna e acessar condições básicas.

Sonhei que eu residia numa casa residível, tinha banheiro, cozinha, copa e até quarto de criada. Eu ia festejar o aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu ia comprar-lhe umas panelinhas que há muito ela vive pedindo. Porque eu estava em condições de comprar. Sentei na mesa para comer. A toalha era alva ao lírio. Eu comia bife, pão com manteiga, batata frita e salada. Quando fui pegar outro bife despertei. Que realidade amarga! Eu não residia na cidade. Estava na favela. Na lama, as margens do Tietê. E com 9 cruzeiros apenas. Não tenho açúcar porque ontem eu saí e os meninos comeram o pouco que eu tinha. (JESUS, 2014, p. 39)

O aspecto de casa “residível” demonstra que o seu sonho era um ambiente que possuísse o mínimo de conforto, ou seja, que projetasse um fragmento do ideal de dignidade e estabilidade. Tais



itens tornam-se objeto de desejo para quem vive na miséria, uma vez que, diante da luta constante pelo direito de existir, acabam sendo relegados ao esquecimento.

Ao inserir a favela enquanto um cenário de exclusão, a poetisa aponta que aqueles que lutam para sobreviver e se encontram abaixo da linha da pobreza enfrentam barreiras que os impedem de acessar, de forma plena, a vida urbana e os espaços criados nos centros. Para quem vive com fome, a contemplação e uso do espaço ou deleite estético tornam-se privilégios inalcançáveis, pois a necessidade básica de buscar comida - muitas vezes no lixo - se sobrepõe a qualquer outra experiência que ele poderia usufruir.

Em contraponto, a figura 02 e 03 retratam as imagens do centro urbano ainda em processo de modernização. Repleto de arranha-céus, iluminação abundante e intensa circulação de pessoas, ele simboliza tudo aquilo que os poderes hegemônicos desejam evidenciar através da perpetuação de um sistema sustentado pela exploração das camadas mais vulneráveis, que contribuem para a construção e manutenção da cidade, mas que não tem direito ao acesso pleno de seus benefícios.

Figura 2- Vale do Anhangabaú/São Paulo (1955).



Fonte: G1,globo (2024).



Figura 3 – Praça Ramos de Azevedo/São Paulo (1955).



Fonte: G1,globo (2024).

Dessa maneira, a autora, em sua obra, codifica uma parcela do espaço urbano real através de suas expressões e figuras de linguagem, estabelecendo significações densas sobre a sua vivência na favela, a convivência com a pobreza e os desafios da existência enquanto uma mulher que é negra e mãe solo de três crianças. Contudo, apesar de individual, essa experiência produz narrativas que se tornam representações sociais críticas, dado que expressa a história de muitos.

Todos esses aspectos, ao incidir sobre sua ótica, irão gestar uma gama de conflitos sociais e ideológicos pertinentes ao seu contexto. Nesse sentido, corroboramos com Ferrara (1986, p.28) quando afirma que “em outras palavras, todo o processo de representação é ideologicamente informado, visto que é sempre parcial e seletiva toda representação do objeto de um signo”.

Portanto, apesar de ser uma mulher autodidata, privada do acesso à escola e, menos ainda, à universidade, Carolina Maria de Jesus demonstra uma capacidade notável de reflexão da concretude do espaço, do que ele é, assim como da sua abstração, ou seja, das conotações subjetivas, simbólicas e discursivas.

Seu olhar transforma a favela em seu objeto de análise, significando a sua existência em meio aquele lugar. Esse movimento de abstração, que transita entre o concreto e o subjetivo, insere Carolina como uma intelectual popular que contribui de maneira singular para a construção de um

pensamento geográfico sobre as dinâmicas urbanas e as desigualdades estruturais que permeiam a sociedade brasileira.

### Considerações finais

O diálogo entre Geografia e Literatura, embora desafiador, revela-se como uma oportunidade rica para aprofundar debates essenciais sobre a dimensão espacial nas narrativas literárias. Neste artigo, ao analisarmos *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, destacamos como a Literatura pode constituir-se como uma forma legítima e potente de representação espacial. Antes de tudo, entendemos que a Literatura permite um “olhar geográfico” sobre a obra, não apenas como cenário de representações, mas como uma protagonista, em uma dimensão espacial singular que se fortalece ao ser submetida a uma análise social e geográfica. Ao retratar as vivências da autora no contexto da favela, a obra evidencia uma percepção crítica e subjetiva do espaço urbano, revelando as contradições sociais e espaciais que caracterizam a segregação nas cidades brasileiras.

Com base nesse relacionamento promissor, nos propomos a responder a seguinte questão que medida a dimensão espacial se encontra presente na perspectiva de favela no livro *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus?

Diante disso, encaramos que a autora, por meio de sua escrita, oferece um olhar poético capaz de compreender as nuances que permeiam as dimensões físicas, simbólicas, discursivas e subjetivas da favela. Ao narrar seu cotidiano, assim como sua experiência com a pobreza e exclusão, a autora apresenta a favela como uma resistência, mas também como um território de marginalização e precariedade. Diante disso, a dimensão espacial vai constituindo-se a partir das suas reflexões e revelando uma organização espacial específica produzida pelas desigualdades estruturais.

Consonante a isso, avaliamos que os textos literários, como o de Carolina, tem o potencial de oferecer novas formas de representar e interpretar espaços, territórios, lugares, regiões e paisagens a partir de diversas perspectivas. A narrativa de denúncia expressa em *O Quarto de Despejo* apresenta isso ao levar o leitor a refletir sobre o direito à cidade e o acesso aos locais de existência, sobre a exclusão social, possibilidades de resistência e ressignificação do espaço.

## Referências

- [S.N.]. Apanhar papel é o ganha-pão. Vera Eunice, a filha, a acompanha. [s.d.] Fotografia. In: EDITORA FIGAS. Favela do Canindé. Disponível em: <http://www.editorafigas.com.br/revista/tag/favela-do-caninde/>. Acesso em: 12 dez. 2024.
- CÂNDIDO, A. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva. . Acesso em: 09 dez. 2024, 1970.
- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 9. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- Ceará, v. 01, n. 01, p. 19-28, 2002.
- EAGLETON, T. **Ideologia: uma introdução**. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista: Editora Boitempo, 1997.
- G1. Catálogo reúne fotografias raras de São Paulo na década de 1950. *G1 – Pop & Arte*, 22 ago. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2013/08/catalogo-reune-fotografias-raras-de-sao-paulo-na-decada-de-1950.html>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- FERRARA, L. D. Leituras sem Palavras, série Princípios, Ed. Ática, São Paulo, 1986.
- GOMES, Aramis Horvath; MELLO, Leonardo Freire de. **Racismo territorial: o planejamento urbano tem um problema de raça?**. Jundiaí: Paco Editorial, 2021.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão : início - fev.2006.
- LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. São Paulo: Editora Moraes, 1991.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 404 p.
- LYNCH, K. A imagem da cidade. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.
- OLIVEN, R. G. Urbanização e mudança social no Brasil. In: **Marginalidade urbana na América Latina: aspectos econômicos, políticos e culturais** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein, 2010. p. 34-53. ISBN 978-85-7982-001-4. Disponível em: <http://books.scielo.org>. Acesso em: 9 dez. 2024.
- PETIT, M. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.
- SERPA, A. Por uma geografia das representações sociais. *OLAM - Ciência & Tecnologia*, Rio Claro/SP, v. 5, n. 1, p. 220, maio 2005.
- SILVA, M. A; ARAÚJO, Heloisa Araújo de. A geografia que emerge na arte literária. In: PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da (org.). **Imagens da cidade da Bahia**: um diálogo entre geografia e arte. Salvador: Edufba, 2007. p. 17-24.